

CAROLINE TAVARES DA SILVA AMORIM

**A INFLUÊNCIA DO TRABALHO DE DESENVOLVIMENTO MOTOR NO
PROGRAMA ESPORTE CIDADÃO UNILEVER**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Orientador Prof. Julimar Luiz Pereira

Curitiba

2014

RESUMO

O Programa Esporte Cidadão Unilever é um programa de iniciação esportiva que visa democratizar a prática esportiva utilizando o Mini – voleibol, processo de iniciação esportiva adaptado as capacidades e necessidades das crianças e adolescentes de 8 a 14 anos em um esporte específico, no caso aqui voleibol, de uma maneira mais lúdica e divertida possível. A categoria enfatizada em nosso estudo é o Baby nível I (crianças de 9 anos de idade), que tem como um de seus objetivos o aumento do acervo-motor (correr, saltar, quicar, lançar, receber, rebater, manipular, etc.). Entre os objetivos deste estudo estão: constatar a mudança das habilidades motoras básicas nos alunos; Verificar se as aulas influenciam na melhora dessas habilidades motoras básicas e comprovar que a metodologia adotada para o aprendizado no programa funciona. O instrumento utilizado para a pesquisa foi o TGMD (Ulrich, 2000); foram feitas duas coletas, uma no primeiro dia que os alunos chegam a turma e a segunda depois de 4 meses de aula. Observando os scores brutos constatamos que todos os alunos melhoraram os habilidades motoras de locomoção tanto quanto as habilidades de controle do objeto, nos dando o feedback de que estamos no caminho certo com a metodologia, e que as crianças tem mostrado melhora no tempo que dedicamos com o trabalho de desenvolvimento motor no programa de forma lúdica, pretendendo preparar o aluno para desempenhar as habilidades específicas exigidas pelo voleibol. Sugere-se um novo estudo com um número maior de alunos e maior período de aula entre o pré e pós-teste.

Palavras - chave: voleibol, baby vôlei, desenvolvimento motor, habilidades motoras básicas.

Introdução

O Programa Esporte Cidadão Unilever, antigo Centro Rexona de Excelência do Voleibol, foi criado em 1997 na cidade de Curitiba, composto de uma equipe adulta feminina de voleibol e um programa de iniciação esportiva visando democratizar a prática esportiva utilizando o Mini – voleibol como método de ensino. Tem como missão transformar a vida e as perspectiva de crianças e jovens, facilitando suas relações pessoais inspirando a sociedade a buscar e compartilhar um dia -a -dia mais saudável.

O programa atende crianças de 8 a 15 anos em 45 núcleos, sendo 26 no estado do Paraná; 16 em São Paulo; e 3 no estado do Rio de Janeiro. E faz parte do Instituto Compartilhar que foi fundado em março de 2003, idealizado por Bernardo Rocha Rezende, e têm como missão o desenvolvimento humano através do esporte, atuando em projetos educacionais e esportivos destinados as camadas menos favorecidas da população, favorecendo o desenvolvimento de igualdade de oportunidade e promovendo e apoiando atividades de assistência social.

A metodologia utilizada pelo Programa é a do Mini- Esporte, que é um processo de iniciação esportiva simplificado visando adaptar as capacidades e necessidades das crianças e adolescentes de 8 a 14 anos em um esporte específico, no caso aqui voleibol, de uma maneira mais lúdica e divertida possível.

Essa metodologia possibilita a aprendizagem da modalidade sempre vinculando as características do jogo a uma progressão pedagógica ideal. São adaptada, bola, tamanho de quadra, altura de rede e número de participantes que se torna proporcional ao tamanho da quadra, propiciando maior contato com a bola e maior número de execuções, facilitando a aprendizagem por repetição.

Essa metodologia foi criada nos anos 60, e foi adaptada baseando-se em 12 anos de experiência utilizando-se dessa metodologia desde o início do Programa em 1997. Buscando a melhor progressão para a aprendizagem foram criadas as quatro categorias existentes hoje no Programa (Baby, Mini, 4x4 e Vôlei).

A categoria que iremos enfatizar em nosso estudo é o Baby nível I, onde participam crianças de 9 anos de idade.

Um dos objetivos dessa categoria é o aumento do acervo-motor (correr, saltar, quicar, lançar, receber, rebater, manipular, etc.).

O BABY I, que esse ano receberá alunos nascidos em 2001, tem como principal objetivo a iniciação esportiva com predominância de brincadeiras, jogos lúdicos sem a cobrança de execução de técnica correta, levando assim a criança a um desenvolvimento geral das habilidades motoras. Inclusive no início do ano o planejamento dos professores enfatiza o aumento do acervo motor, tendo como conteúdo algumas habilidades motoras básicas como correr, saltar, quicar, lançar, receber, rebater, manipular etc. Essa ênfase dura todo o primeiro semestre do ano, num total de 4 meses aproximadamente devido o calendário do Programa.

Segundo Gallahue e Ozmun (2003), o desenvolvimento motor é uma alteração contínua no comportamento motor no ciclo da vida, o que implica em mudanças crescentes e perceptíveis na capacidade de controlar movimentos desde a vida uterina a terceira idade.

De acordo com Weineck (2003), as capacidades coordenativas capacitam o atleta para ações motoras em situações previsíveis e imprevisíveis e para o rápido aprendizado e domínio de movimentos dos esportes.

Weineck (2003) e Greco e Brenda (2001) citados por Rega, Soares e Bojikian (2008), afirmar que a segunda infância, entre 9 e 13 anos, é a melhor época para desenvolver-se essas capacidades pois consegue-se atingir seu desenvolvimento máximo por causa de uma série de amadurecimentos decorrentes do SNC. Isso justifica a ênfase que damos nessas habilidades no Baby I, onde os alunos encontram-se com 9 anos, lembrando que nas outras

categorias elas também são trabalhadas, mas não de maneira tão enfática quanto no Baby I.

Segundo Clark (1994) a aquisição dessas habilidades possibilita o desenvolvimento de habilidades mais especializadas, como atividades esportivas e programas de exercícios sistematizados.

Um déficit de habilidade motora grossa pode acarretar um baixo desempenho em atividades motoras mais complexas, que no futuro irá exigir da criança que ocorra uma combinação dos movimentos fundamentais para que a habilidade mais elaborada seja alcançada com excelência. Ou seja, se o aluno não tem uma boa base motora consolidada, irá encontrar dificuldades em combinar esses movimentos básicos futuramente (MAGILL, 2001). Em outra instância essa baixa eficiência pode vir a causar um impacto negativo na auto-estima da criança e na sua motivação para a prática de atividades esportivas.

Essas habilidades são consideradas “blocos de construção” que são o alicerce indispensável para desenvolver atividades de movimento tendo uma perspectiva de vida saudável, assim como as especializações de habilidades motoras específicas exigidas pelos esportes. (GABARD, 2000; HAYWOOD, 2001; PAYNE, 1999; SEEFELDT, 1982).

Objetivos

- Constatar a mudança das habilidades motoras básicas nos alunos
- Verificar se as aulas influenciam para a melhora dessas habilidades motoras básicas
- Comprovar que a metodologia adotada para o aprendizado no programa funciona

Metodologia

Participarão da pesquisa os alunos das turmas de BABY I do Programa Esporte Cidadão Unilever.

Serão feitas duas coletas, a primeira quando os alunos chegarem a turma, outra depois dos 4 meses estipulados no planejamento para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, para observar e quantificar a melhora dos alunos nesse período.

Nesses 4 meses de aula cada aluno irá fazer aula com o professor de sua turma, onde serão desenvolvidos os conteúdos andar, correr, saltar, arremessar e quicar, assim como é previsto na metodologia do Programa.

O instrumento utilizado para a pesquisa será o TGMD (Ulrich, 2000), que tem como objetivo avaliar o desenvolvimento motor amplo por meio de dois sub-testes: locomotor (correr, trotar, pular em um pé só, saltar, saltar horizontalmente e deslizar) e controle de objeto (rebater uma bola estacionária, quicar, receber, chutar, arremessar por cima do ombro e rolamento abaixo do ombro).

O teste basicamente avalia como as crianças coordenam o tronco e os membros durante o desempenho de uma habilidade motora. Para cada habilidade são observados de 3 a 5 critérios motores específicos, previamente fundamentados em padrões maduros pela literatura e profissionais da área.

A análise de cada critério é feita qualitativamente, onde a criança recebe 1 ponto se atende ao critério, e nenhum se não atende. A partir da soma dos pontos alcançados em cada critério, têm-se os escores brutos de cada aluno.

Em cada escore bruto temos subescalas onde o valor mais baixo é zero e o mais alto é 26 para habilidades de locomoção e 19 para habilidades de controle do objeto, com o somatório de 45 pontos ao máximo. Juntamente com os escores brutos também é fornecido o percentil que auxilia no entendimento dos dados.

Dificuldades do Estudo

Devido ao pequeno número de alunos inscritos no Programa no período de início da mesma, tivemos que esperar a divulgação e matrícula de novos

alunos para fazer a primeira avaliação, que foi realizada em março de 2010, a segunda avaliação foi realizada no final de maio de 2010, reduzindo o tempo programado de 4 meses de aula para 2 meses.

O teste foi realizado com uma turma de Baby I do núcleo Tuiuti do Programa, a turma possuía 11 alunos. No pós-teste só conseguimos realizar com 8 alunos, pois 1 dos alunos desistiu, 1 mudou-se de cidade e 1 estava doente na semana do pós-teste.

Resultados e Discussão

No gráfico 1 podemos observar a evolução de cada criança nas habilidades de locomoção, considerando que a primeira coluna é o pré-teste e a segunda o pós-teste.

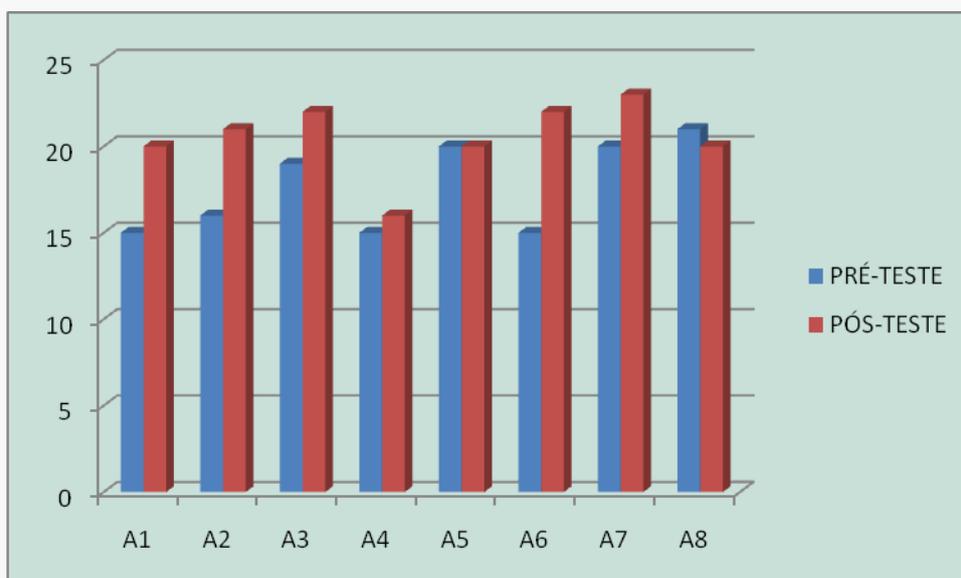


Gráfico 1 – Desempenho dos alunos nas habilidades de locomoção.

Observando o desempenho dos alunos, podemos verificar que todos os alunos melhoraram na execução dos movimentos, chegando próximo a pontuação máxima que pode ser atingida no score bruto do teste (25). Apenas o A5 apresentou igual desempenho no pré e pós-teste, nos atentando a uma possível dificuldade desse aluno nesse tipo de habilidade; o A8 apresentou

pior desempenho no pós-teste. Essa dificuldade desses alunos podem ser causadas por dificuldades motoras da criança, o que exige uma maior atenção do professor ao ministrar suas aulas, ou até mesmo a faltas que esses alunos possam ter tido no período entre o pré e o pós-teste, evitando assim o contato do aluno com a habilidade, prejudicando seu desenvolvimento.

No segundo gráfico, onde verificamos o desempenho nas habilidades de manipulação de objeto, já podemos observar uma melhora não tão grande comparada as habilidades de locomoção.

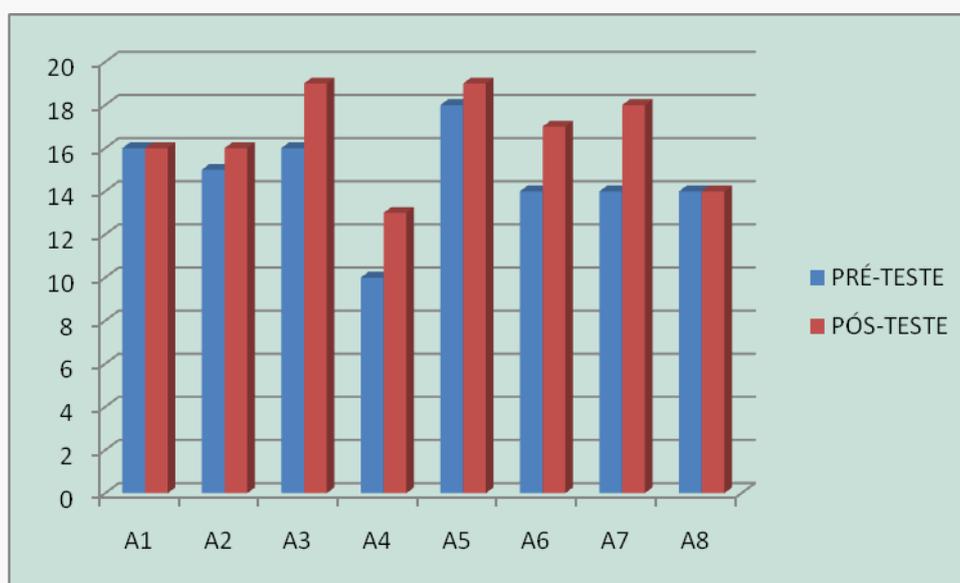


Gráfico 2 – desempenho dos alunos nas habilidades de controle de objeto.

No gráfico acima podemos claramente ver que os alunos não melhoraram tanto comparado as habilidades de locomoção, mas observando bem já no pré-teste os alunos já tinham um score próximo ao máximo (19), o que demonstra que os alunos no geral tinham poucos pontos a serem melhorados. Com exceção do A4, que tinha a menor pontuação da turma, evidenciando que o aluno possa ter tido pouco contato com esse tipo de habilidade em sua vida, seja em aulas de educação física na escola, brincadeiras com amigos etc; mas em contaponto o aluno conseguiu uma melhora significativa passando do score 10 para o 13, nos mostrando que está em constante evolução.

Podemos também verificar que os alunos A1 e A8, ficaram no mesmo score no pré e pós-teste, nos alertando talvez a uma pequena dificuldade

desses alunos na assimilação dessas habilidades. Atentamo-nos mais uma vez ao desenvolvimento do A8 que também nesse aspecto do desenvolvimento não obteve melhora, nos levando a ter uma atenção redobrada para descobrirmos por que essa criança não tem se desenvolvido com as outras.

Já o último gráfico nos mostra o score bruto dos alunos na totalidade do teste, ou seja, habilidades de locomoção + habilidades de controle de objeto, lembrando que o score máximo que cada aluno pode chegar é 45.

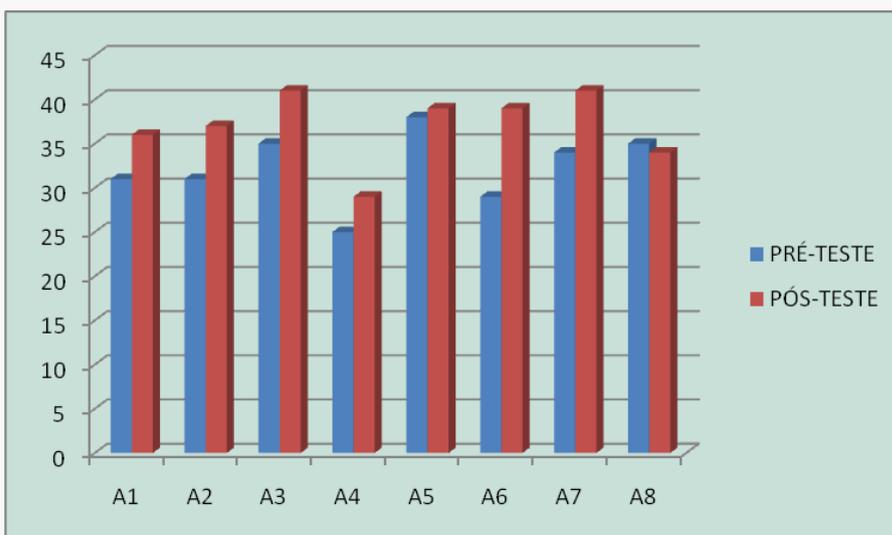


Gráfico 3 – Scores Brutos dos alunos no pré e pós-teste.

Observando os scores brutos da turma, constatamos que todos os alunos na totalidade de seu desenvolvimento conseguiram melhorar nas habilidades motoras básicas com as aulas do programa, com exceção do A8 que apresentou uma queda no seu score bruto do pré para o pós-teste.

Isso pode ter inúmeros motivos como: número de faltas, desenvolvimento tardio do aluno, contato com as habilidades motoras somente durante as aulas, mas o que é importante é os professores desse aluno ter uma atenção redobrada sobre ele, para descobrir o motivo dessa não evolução do aluno para que de alguma forma possa haver intervenção sobre o desenvolvimento do mesmo.

Conclusão

Como podemos constatar todos os alunos melhoraram os habilidades motoras de locomoção tanto quanto as habilidades de controle do objeto, nos dando o feedback de que estamos no caminho certo com a metodologia, e que as crianças tem mostrado melhora no tempo que dedicamos com o trabalho de desenvolvimento motor no programa de forma lúdica, pretendendo preparar o aluno para desempenhar as habilidades específicas exigidas pelo voleibol.

Talvez a melhora não tenha sido tão grande e evidente devido ao pouco tempo de aula entre o teste e o pós-teste, já comentado nas dificuldades do estudo, mas mesmo com somente 2 meses de aula os alunos já conseguiram apresentar melhora o que é muito importante para seu desenvolvimento integral.

Sugere-se um novo estudo com um número maior de alunos e maior período de aula entre o pré e pós-teste.

Bibliografia

Apostila Clínica de Mini-Voleibol do Programa Esporte Cidadão Unilever.

CATENASSI, F; MARQUES, I; BASTOS, C; BASSO, L; RONQUE, E; GERAGE, A. Relação entre índice de massa corporal e habilidade motora grossa em crianças de quatro a seis anos- Revista Brasileira de Medicina do Esporte Vol. 13, Nº 4 – Jul/Ago, 2007

CLARK JE. Motor development. In: Ramachandran VS, editor. Encyclopedia of human behavior. San Diego: Academic Press, 1994; 245-55.

GABBARD, C. P. Lifelong motor development. 3rd ed. Boston: Ally and Bacon, 2000.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.

MAGILL RA. Motor learning: concepts and application. Boston: McGraw-Hill; 2001.

REGA G; SOARES, T; BOJIKIAN, J. – Desenvolvimento das capacidades coordenativas no voleibol - Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2008, 7 (3): 91-96

RIPKA, W; MASCARENHAS, L; HRECZUCK, D; LUZ, T; AFONSO, C. - Estudo comparativo da performance motora entre crianças praticantes e não-praticantes de minivoleibol - Fit Perf J. 2009 nov-dez;8(6):412-6

ULRICH DA. Test of gross motor development. 2ª ed. Austin: Pro-Ed; 2000

VALENTIN, N. Percepções de Competência e Desenvolvimento Motor de meninos e meninas: um estudo transversal - Movimento, Porto Alegre, V. 8, n. 2, p.51-62, maio/agosto 2002

WEINECK, J. Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil. 9. ed. São Paulo: Manole, 2003.